

Secção/Área Temática: Identidades, Valores e Modos de Vida**A Festa de Água Suja: uma experiência entre o sagrado e o profano****The Dirty Water Party: an experience between the sacred and the profane***Regina de Paula Medeiros*

Doutora em Antropologia Social e Cultural (Tarragona, Espanha); Professora Adjunta IV do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade PUC Minas - Minas Gerais - Brasil. Endereço eletrônico da autora:

repameca@pucminas.br

Thiago Pereira da Silva Flores

Doutor em Ciências Sociais PUC Minas Brasil e Professor do curso de bacharelado em direito da Faculdade ISEIB-Betim-MG-Brasil - Endereço eletrônico do autor: rolicoflores@hotmail.com

Resumo

A Hanseníase é uma doença infectocontagiosa causada pelo *mycobacterium leprae* (m. leprae), conhecida secularmente como “lepra” e marcada, ao longo da história, pela discriminação, preconceito e estigma. Até o ano de 1986 no Brasil as políticas públicas determinavam que as pessoas acometidas pelo bacilo fossem separadas e confinadas compulsoriamente em sanatórios ou colônias. Neste artigo, a proposta é apresentar um importante ritual de revalidação de identidade por meio da celebração da 147ª Festa de Nossa Senhora da Abadia, na cidade de Romaria, no Estado de Minas Gerais, resultado de uma pesquisa etnográfica realizada no período de 2016 a 2017. Durante o ritual sagrado, foi possível observar o processo de preparação, desenvolvimento e encerramento da festa e, sobretudo, as formas arcaicas de dar, receber e retribuir (Mauss 2003), configurando um sistema de dádivas estabelecido entre os grupos participantes, que são interpretados como sagrados e profanos.

Abstract

Hansen's disease is an infectious illness caused by the bacteria *mycobacterium leprae* (m. leprae), known secularly as “leprosy” and marked throughout history by discrimination, prejudice and stigma. Until the year 1986 in Brazil public policies determined that the people affected by the bacillus should be separated from their families and compulsorily confined in sanatoriums or colonies. In this paper, the proposal is to present an important ritual for the celebration of the 147th Feast of Our Lady of the Abbey (Nossa Senhora da Abadia), in the city of Romaria, in the State of Minas Gerais, as a result of an ethnographic survey conducted from 2016 to 2017. During the sacred ritual, it was possible to observe the process of preparation, development and closing of the party, and, above all, the archaic ways of giving, receiving and giving back (Mauss 2003), configuring a system of donations established among the participating groups, which are interpreted as sacred and profane.

Palavras-chave: Hanseníase; estigma; ganhos secundários; dar e receber.

Keywords: Hansen's disease; stigma; secondary gains; give and take.

Introdução

Este artigo é produto de uma pesquisa etnográfica que tem por objetivo analisar as controvérsias da internação compulsória das pessoas diagnosticadas com hanseníase, baseada na lei federal nº 610 de 1949, revogada pela Lei nº 5.511 de 1968, e a sua relação com a lei federal nº 10.216 de 2001, que determina a hospitalização forçada das pessoas que fazem uso de *crack*. O estudo foi realizado em 2016 e 2017 no Sanatório São Francisco de Assis, hoje Comunidade São Francisco de Assis, localizada no município de Bambuí, Minas Gerais, Brasil¹.

A hanseníase é uma doença infectocontagiosa, conhecida como lepra, causada pelo *mycobacterium leprae* (m. leprae) ou bacilo de Hansen. Os sinais e sintomas mais comuns podem ser observados pelo aparecimento de manchas na pele, de cor branca ou avermelhada, insensibilidade nas extremidades, especialmente nas mãos e nos pés, perda de pelos nas áreas afetadas do corpo, falta de sudorese (Habif 2009) e, quando não tratada corretamente ou quando é feito um diagnóstico tardio, pode gerar sequelas e deformidades especialmente nas mãos, pés e rosto (partes públicas do corpo).

No Brasil, até o ano de 1986, as pessoas diagnosticadas com a referida enfermidade eram submetidas ao isolamento compulsório² nas antigas colônias como medida de prevenção e interrupção da rede de transmissão do bacilo. Nesse período, chegou a existir no país 40 unidades, seis delas no Estado de Minas Gerais³. A referida medida provocava rompimento de laços familiares, sociais e de trabalho, traumas pessoais, sofrimento, discriminação, preconceito e estigma social.

Goffman [1891] (2008) explica que o termo estigma fora criado pelos gregos como forma de identificar algum sinal corporal, classificado como algo de extraordinário e imoral. As pessoas assim marcadas eram identificadas como desviantes, transgressoras, escravas, criminosas ou traidoras. No caso particular da hanseníase, doença que deixa máculas nas partes visíveis do corpo, leva o sujeito portador do bacilo ao *status* de estigmatizado. Ainda que, na atualidade, existam formas eficazes de tratamento em ambulatórios, os afetados pela hanseníase que portam deformidades ainda são considerados perigosos e ameaçadores à saúde da população.

Metodologia

No estudo etnográfico realizado, foi necessária uma imersão no campo e um contato direto com as pessoas que vivem na Comunidade São Francisco de Assis, vivenciando, por aproximadamente um ano, as interações sociais, o cotidiano e os rituais. Dentre os rituais, privilegiamos, no presente artigo, a 147ª Festa de Nossa Senhora da Abadia, na cidade de Romaria⁴, também nomeada “Água Suja”, localizada no Triângulo Mineiro. A festa foi realizada de 29 de julho a 15 de agosto de 2017. Trata-se de uma celebração centenária, que ocorre anualmente, de importância religiosa, cultural, turística e econômica para a região.

A escolha desse evento se justifica não só pela tradição como pelos inúmeros relatos dos antigos moradores da ex-colônia de Bambuí sobre o evento, os sentidos a ele atribuídos, as expectativas, as relações e sociabilidades. Por suas narrativas, na época do isolamento compulsório, as pessoas se deslocavam das colônias e viajavam muitos quilômetros no vagão contagioso⁵ ou em caminhões alugados para participar da festa. Eles ficavam acampados em lugares específicos, longe dos outros participantes, e o local era bem delineado e identificado com uma placa que se podia de longe reconhecer “hansenianos”.

O interesse pela festa não se limitava à religiosidade, mas era uma forma certa de receber dos visitantes doações de comidas, dinheiro (esmolas), e pela possibilidade de entretenimento (talvez o único) fora das colônias. Essa situação permanece na atualidade, como observado na ocasião da Festa “Água Suja”.

No ano de 2017, juntamente com um grupo de nove moradores da comunidade, somados aos de outras ex-colônias, totalizando 132 pessoas, participamos ativamente da festividade da Abadia, em Romaria, e ficamos hospedados no acampamento dos hansenianos durante a referida festa.

No processo de observação participante, muitas questões e reflexões surgiram e, com efeito, foi necessário um reordenamento metodológico, ético e teórico. Desde o acampamento, foi possível transitar entre o sagrado e profano expresso nas interações, práticas sociais, tramas, comportamentos, atitudes, organizações, emoções, corporeidades e experiências dos “doentes” de hanseníase.

O objetivo é analisar o ritual, os sentidos atribuídos, conflitos, negociações e histórias de vida de nossos interlocutores. Serão priorizadas as nossas observações registradas no diário de campo e as narrativas dos acampados, que serão apresentadas

em forma de ilustração, relatos literais dos atores sociais e nossos interlocutores, que serão reconhecidos por nomes fictícios para resguardar as respectivas identidades.

O Enquadramento teórico: Dar e pedir no limite da relação

Muito antes da definição legal e oficial de exclusão e isolamento das pessoas portadoras de hanseníase em colônias, é possível observar nos escritos bíblicos relatos em que se deixava claro que os “leprosos” viviam mendigando e suplicando por dinheiro ou restos de alimentos. Eles vagavam pelas ruas com uma sacola de pano dependurada na extremidade de um pedaço de pau de mais de um metro de comprimento, para manter distância dos doadores e evitar o contágio deles. Nas casas, eles estendiam a sacola e os moradores colocavam a esmola sem se aproximar dos doentes. Segundo os referidos escritos, os leprosos circulavam pelas vias públicas implorando o mínimo para se manterem e para suprir necessidades básicas, já que estavam impedidos de trabalhar ou ter um convívio social. Era uma espécie de ameaça ambulante em um corpo decadente e sujo, vestido de trapos e com cabelos desalinados que provocava terror.

Por um lado, era uma forma de conseguir recursos mínimos para viver. Por outro, dava visibilidade à condição de exclusão em que viviam e marcava o lugar de vítimas de uma enfermidade aterrorizante que desperta compaixão. Os doadores concediam, a título de caridade, o que sobrava de sua mesa ou miseráveis moedas, pois sabiam que os leprosos não poderiam ir ao mercado para comprar qualquer mercadoria. Dessa forma, se livravam da culpa social e das diferenças sociais com a ideia de benevolência e de compromisso com Deus.

Em 1949 no Brasil, foi publicada a lei federal n° 610, que previa a construção de sanatórios para isolar os doentes e prevenir a disseminação da doença, protegendo, dessa forma, a população sadia. As referidas instituições públicas passaram a ser responsáveis pela manutenção “dos doentes”, no que se refere a roupas, alimentação, moradia e assistência médica. Os sanatórios tinham aspecto de prisões, eram cercados por correntes para impedir as fugas e os leprosos eram isolados de qualquer convívio social. A vida deles se limitava aos internos e à direção da instituição.

Impedidos de sair para mendigar, recorriam ao catálogo de endereços para enviar cartas dramáticas, explicando que eram “leprosos”, fazendo um apelo emocional e, muitas vezes, enviavam fotos expondo as feridas e deformidades com a intenção de sensibilizar os sadios e conseguir um maior volume de doações. Esse comportamento

contava com complacência das pessoas que trabalhavam e dirigiam a instituição que consentiam essa mendicância. Afinal, do que era arrecadado, parte era remetido às entidades públicas de saúde. Algumas vezes os gerentes contratavam pessoas para fazer a escritura das cartas, sobretudo para aqueles que não tinham escolaridade ou apresentavam deformidades graves nas mãos. Essa forma de pedir foi denominada “bate-gato” e a pessoa que o fazia, “gateiro”.

Pelos registros existentes e pelas narrativas dos hansenianos, a origem do bate-gato e a referida expressão, apesar de ser transmitida de geração a geração, é desconhecida. A prática social de arrecadar benefícios é usada até os dias atuais, por ser um ganho secundário que o “doente” não abre mão, como ressalta Goffman (2008:20): “a criatura estigmatizada usará, provavelmente, o seu estigma para ganhos secundários”. Ou seja, no caso da hanseníase, o enfermo utiliza as deformidades e os infortúnios que a doença provoca para conseguir as indulgências de outros grupos sociais, como observado nos discursos dos interlocutores. Explica Dálio, morador da Comunidade São Francisco de Assis:

“A lógica de pedir era perversa. Para ganhar as coisas era preciso que as pessoas tivessem medo e compaixão da gente. Aí ficam caridosos. Falo isso porque já bati gato pelo mundo. Saímos de cidade em cidade pedindo. Quanto mais medo fazíamos nas pessoas, mais dinheiro, alimentos e roupas ganhávamos.” (Dálio).

A narrativa corrobora a teoria de Goffman (2008) no que se refere à utilização de suas condições para auferir alguma vantagem, “ganhos secundários”. Por parte do doador, ao atender um apelo emocional do gateiro, ele faz a sua doação (que tem um caráter desinteressado (Mauss [1925] (2003) sem esperar uma retribuição daquele que recebe, mas espera uma recompensa divina, seja nessa vida ou em outra.

O “bate-gato” também pode ser interpretado como uma forma arcaica de contrato e de diversos sistemas de trocas ditas econômicas, cujo princípio comum regula tais trocas: a obrigação de dar, receber e retribuir.

Para Mauss (2003), as coisas dadas possuem uma substância moral própria, uma alma que tende a retornar ao seu antigo dono que, ao doá-la, também se doa. Nos comentários de Sertã e Almeida (2016) o doador e donatário formam correntes de relações intermediadas pelas doações, que implicam a obrigatoriedade de retribuir, uma vez que fora estabelecido uma dívida mesmo que momentânea. No caso da

hanseníase, o que recebe, pela a impossibilidade de retribuir, incumbe ao divino a responsabilidade de gratificar ao doador, como é comumente observado nessa situação. O paciente recomenda: “Deus te pague”.

Ainda que a condição do hanseniano na atualidade apresente aspectos diferentes, o bate-gato é tradicional e, na Festa da Abadia, foi observado em diferentes momentos e ocasiões. Por exemplo, os participantes “sadios”, em geral, participam da festa com o intuito de pagar as promessas e doar alimentos, em grande quantidade, e dinheiro aos “doentes”, que se colocam visivelmente na entrada ou na parte central do *camping* para conseguir esse benefício. De maneira especial, ali estavam expostos aqueles portadores das deformidades mais horripilantes intencionalmente. O objetivo era despertar medo, rechaço e, de maneira especial, piedade, e, conseqüentemente, obter mais doações.

Pelas narrativas, pode se afirmar que a forma de organização do acampamento é uma maneira alternativa de implorar e, ao mesmo tempo, mobilizar a sensibilidade dos demais participantes e das autoridades locais. O efeito é visível no volume de alimentos que recebiam e boa quantia de dinheiro.

A chegada em Água Suja e o *camping* “hansenianos”

Para participar da festa chegamos à Romaria três dias antes do evento principal. No primeiro momento, visitamos a basílica e indagamos algumas pessoas sobre a localização do acampamento de hanseníase. A resposta veio com outra pergunta: “*Hanseníase?*” Respondemos sim. A contestação era a mesma: não sei informar. Depois de três tentativas, uma indagação: “O pessoal da lepra⁶?” Percebemos que naquele evento a palavra hanseníase era ou parecia desconhecida. Explicaram: “O acampamento dos leprosos fica depois da rodoviária, acima do posto de saúde. Geralmente eles colocam uma faixa lá. É só perguntar que todo mundo te mostra onde fica”. (Morador da cidade de Romaria).

Cruzamos ruas, pessoas e barracas montadas, uma atrás de outra, em grande quantidade, que cobriam a frente das casas. Era possível observar um volume expressivo de comércio de diversos produtos, fazendo com que as oito ruas em torno da basílica se transformassem em uma grande feira. Formavam-se pequenos corredores para a circulação das pessoas. As garagens foram transformadas em bares, restaurantes e em acampamentos.

Quanto mais nos aproximávamos do acampamento, mais cresciam as incertezas sobre a recepção das pessoas. Logo avistamos uma faixa preta onde estava escrito “**Hansenise**” e várias barracas ao fundo. A tensão foi forte. Estávamos tomados por uma interrogação: chegamos e entramos ou ficamos nas redondezas observando até ver um conhecido? Resolvemos entrar, tomados por um grande receio. Aqueles primeiros segundos foram tensos e, por ímpeto, cumprimentamos as pessoas com um aperto de mão. Pegar na mão, quando se trata do ambiente de hanseníase, é a maneira de demonstrar que não se tem receio, não se tem medo do contágio, e, dessa forma, facilita o vínculo de confiança entre o pesquisador e os hansenianos.

Figura 1 – Faixa identificando o acampamento



Fonte: Foto do autor.

Figura 2 – Visão geral do acampamento



Fonte: Foto do autor.

Logo na chegada, encontramos pessoas conhecidas, moradores da ex-colônia Santa Isabel. Recebemos as boas-vindas, abraços, beijos e fomos apresentados aos demais participantes e autorizados a adentrar o acampamento. A intermediação foi essencial para facilitar a nossa aceitação pelos acampados e importante para estabelecer relações amistosas que favoreceram o nosso estudo.

Antes de entrar no acampamento, estávamos na varanda, um local comunitário, onde os doentes se colocam para recepcionar os visitantes que vão fazer suas doações⁷. Recebemos o convite para almoçar na barraca e aceitamos. Dali, seguimos conduzidos por um “doente” até o acampamento, composto por aproximadamente 60 barracas, todas feitas de bambu, lona preta, instaladas em chão batido⁸. Passamos pelos corredores até chegar ao local onde foi servido o almoço. Em frente, havia um fogão a lenha montado de forma improvisada. Em cima dele estava dependurada grande quantidade de carnes salgadas secando na fumaça. O almoço foi esquentado e servido para a nossa equipe, enquanto conversávamos sobre a organização da festa e o cotidiano do *camping*.

Pelos relatos, entendemos que os romeiros⁹ passam e deixam as doações em dinheiro, mantimentos, carnes, leite, frutas, legumes, roupas e comidas prontas para o consumo. Ao conversar com um dos responsáveis pela distribuição das coisas doadas ele explicou: “esse ano tem 132 fichados¹⁰. Olha aqui no caderno. S é solteiro e C é casado. Daqui a pouco eu vou fazer uma chamada e vocês vão entender como funciona” (Cravo).

As doações chegam diretamente ao próprio acampamento e são divididas entre os acampados. Os carros param no local, que fica há cerca de 1 km da basílica, onde são descarregadas as doações. Uma delas, em especial, chamou a atenção: um casal jovem, que aparentava não ter mais que 35 anos, carregava um grande volume de dinheiro, em notas de R\$100 (cem reais). O dinheiro foi colocado no cofre. Arriscamos a dizer que havia cerca de mil reais. As notas foram colocadas uma a uma cuidadosamente no cofre, enquanto o casal murmurava algumas palavras. Não foi possível compreender o significado. Parecia ser uma oração.

No mesmo local estava um líder religioso encarregado de agradecer a cada doador, enquanto declamava uma prece acompanhada pelos demais participantes:

“Irmãos e irmãs, aqui mais uma vez essa família nos fazendo essa visita. Só temos que levantar as mãos para o céu para agradecer a Deus e para pedir à Nossa Senhora da Abadia que abençoe esses nossos irmãos que todos os anos

estão aqui dividindo esse pão deles de cada dia. Porque nós temos que levantar a mão para o céu para agradecer a Deus e pedir à Nossa Senhora da Abadia que passe seu manto sagrado sobre essas famílias, porque esses nossos irmãos não vieram aqui nos trazer migalhas que caem das suas mesas, muito menos vieram trazer esmola pra nós. Esses nossos irmãos vieram trazer amor, carinho e fraternidade a nós todos, que é a coisa mais importante que recebemos aqui nesse acampamento, que é o amor, carinho e fraternidade que esses nossos irmãos nos oferecem. É por isso que nós temos que levantar as mãos para o céu para agradecer a Deus e pedir à Nossa Senhora da Abadia que passe seu manto sagrado sobre aquelas famílias que não podem vir. Às vezes está acamado, com problema de saúde ou até mesmo com problema pessoal. Não só por isso vamos deixar de pedir a Deus e à Nossa Senhora da Abadia que vá até aquelas famílias e passe seu manto sagrado sobre elas e retire todos os males que têm sobre aquelas famílias. Por isso nós vamos levantar as mãos para o céu, agradecer a Deus e pedir à Nossa Senhora da Abadia que abençoe todas aquelas famílias fazendo aquela oração.” (Líder religioso do acampamento).

A oração é feita em estilo “ladainha”, destacando as invocações a Deus e à Nossa Senhora da Abadia. O líder, em tom dramático, fez um apelo emocional, reforçando a condição de miséria dos hansenianos, a condição de doentes esquecidos e abandonados, reativando a compaixão daqueles que foram oferecer doações. O acampamento é um local simbólico para professar a fé católica, com pagamento de promessas, penitências e recebimento de bênçãos.

Após a oração, houve um silêncio coletivo. Em seguida foi rezada a oração do Pai Nosso, Ave Maria e cantada à música:

“Essa família será abençoada, porque o Senhor vai derramar o seu amor. Essa família será abençoada, porque o Senhor vai derramar o seu amor. Derrama Senhor, derrama Senhor, derrama sobre ela o seu amor”. Findada a canção o grito, “Viva Nossa Senhora da Abadia”, todos exclamam em bom som, “Viva”, “Viva essa família maravilhosa” “Viva”. A despedida é feita assim: “que Deus e Nossa Senhora da Abadia te abençoe dê muita paz e saúde e nós estamos aqui ano que vem de braços abertos esperando vocês”. (Líder religioso do acampamento).

As famílias agradeceram visivelmente emocionadas, e fizeram votos de retornarem no ano seguinte trazendo mais donativos. Nas sociedades que são marcadas pelas desigualdades sociais, uma das possíveis explicações para o sofrimento social se dá pelas religiões, que criam uma zona de convergência dos seres humanos a Deus, representados pelo sofrimento, caridade e purificação. DaMatta (1986) explica que a religião seria um modo de possibilitar a relação entre deuses e os homens. Essa vinculação é responsável por explicar as desigualdades e as diferenças entre ricos e pobres, doentes e sadios, sóbrios e bêbados, entre outros, formando um sistema social delineado por significados simbólicos. Nesse contexto, o acampamento dos “hansenianos” pode ser interpretado como uma tentativa para se compreender o sofrimento social provocado pela exclusão, preconceito e discriminação.

A organização e o dia a dia do acampamento

A nossa imersão no campo e a interação com os acampados foi se dando de forma natural. A maioria gostava de conversar, contar histórias e até posar para fotos. De toda forma, todas as fotos foram feitas no período de trabalho de campo com a permissão dos nossos interlocutores.

O acampamento é improvisado com dois pontos coletivos com água potável da Copasa¹¹, luz elétrica para a barraca principal e para as barracas dos coordenadores, e banheiros. O terreno, assim como as instalações de água, luz e banheiros, é oferecido pela prefeitura municipal. Para o banho, geralmente usam as casas vizinhas que cobram uma pequena taxa. Ainda assim, alguns preferem não pagar e optam por banhar-se com caneco¹² (momento de descontração e risos). Os três banhos que tomamos no decorrer da festa foram alugando banheiros nas residências vizinhas.

A rotina do acampamento é dividida entre os momentos de recebimento dos donativos, agradecimento e distribuição interna das doações recebidas. O produto mais esperado e valorizado nesse ritual é a distribuição do dinheiro. Ele é depositado em um cofre ou uma espécie de caixa grande feita de ferro com três cadeados que fica afixado em dois suportes de madeira. Para o controle e fiscalização, são escolhidas três pessoas de diferentes cidades, encarregadas de guardar as chaves até o fim da festividade.

Para o recebimento das doações, os doentes são colocados em uma espécie de cercado, denominado “Curralinho”, feito de bambu, que dá acesso a uma pessoa de cada vez. Dentro dele, é organizada de maneira hierárquica uma fila, considerando o grau de seqüela apresentada. Em primeiro lugar ficam pessoas com deficiência física, especialmente de locomoção (muletas, cadeira de rodas). Em seguida, ficam os que apresentam seqüelas e por último os idosos. Essa cerca forma uma barreira simbólica entre aqueles que doam e aqueles que recebem e interdita o contato físico.

Ao lado cofre, onde é armazenado o dinheiro, ficam aqueles que apresentam maior grau de seqüela, “os mais feios”, que podem impressionar e provocar compaixão ao doador. Em geral, essa estratégia produz um resultado positivo, pois muitos recebem diretamente uma quantia de dinheiro, além daquele depositado no cofre, e que não é compartilhado com outros doentes. Assim, as deformidades garantem vantagens na distribuição.

Em geral, os doadores passam rapidamente pelo local com os seus braços apegados ao corpo, as mãos nos bolsos como uma forma de defesa ao toque físico, retroalimentando o estigma. Embora seja um *camping* de hanseníase e um local de recebimento de doações, é importante esclarecer que nem todos que se colocam nesse lugar são hansenianos. Alguns deles tiveram outras patologias incapacitantes e se misturam com os demais para receber donativos durante a referida festa. No ato do recebimento, o doente agradece de uma forma usual, utilizando o nome de Deus: “Deus te pague”, “Deus te dará em dobro”; “em nome de Deus eu agradeço” e da Nossa Senhora da Abadia; “que Nossa Senhora da Abadia te aumenta”; “Que a Nossa Senhora da Abadia proteja você e sua família”.

A distribuição dos produtos doados é feita por ordem de “chamada”¹³. Acompanhamos atentos a 25ª chamada, em que foram distribuídos 132 kits, contendo cada: 5 kg de arroz, 5 kg de açúcar, 2 kg de feijão, 1 kg de macarrão e 4 miudezas que poderiam ser (sal, fubá, sardinha, molho de tomate, biscoito, farinha de trigo ou café). Se sobrar alguma coisa, é armazenada para uma próxima chamada. Esse processo se repete até o último dia da festa.

Figura 3 – A distribuição



Fonte: Foto do autor.

Além do dinheiro, são notáveis as doações de carnes em grande quantidade. Os coordenadores explicaram que esses alimentos perecíveis são colocados em leilões¹⁴ internos e o dinheiro arrecadado é colocado no cofre do acampamento. Observamos que foi arrematado em um leilão aproximadamente 7 kg de carne de boi por R\$60 (sessenta reais), exibido pelo arrematante aos espectadores. Em geral a carne é salgada e defumada para conservação.

A estrutura central do *camping* é composta por uma barraca grande com mais ou menos 100 metros quadrados com divisórias, varanda de chegada, uma barraca da segurança e outra de distribuição. Todas são feitas de bambu e lona preta.

As doações são feitas diretamente. Em geral, as doações são entregues “em mãos”¹⁵. Durante nossa estadia como observadores participantes, recebemos pequenas doações, como água mineral, suco, picolé, refrigerante, sanduíches, guloseimas e refeições.

Figura 4 – Local de distribuição



Fonte: Foto do autor.

As doações, em geral, são desmedidas. Por exemplo, no acampamento havia uma caixa de fibra, vazia, de 500 litros. Perguntamos para que servia aquele recipiente. Um dos organizadores explicou: “daqui a pouco vocês vão ver”. Não demorou muito, chegou um fazendeiro trazendo 350 litros de leite que foi despejado na referida caixa. O nosso olhar de curiosidade sobre o destino do leite foi percebido sem ser necessário verbalizar e logo foi explicado:

“Agora se faz a chamada, damos 2 litros de leite para cada pessoa. Se sobrar, chamamos de novo. Alguns bebem o leite. Existem pessoas que fazem doces, queijos e coalhadas. Às vezes unem o leite ou trocam os dias. Um dia faz para uma pessoa, outro dia faz para a outra e assim vai. Essa quantidade de leite tem dia que chega de manhã e à tarde, todos os dias. Tem gente aí com muitos quilos de doce. Como chega muita banana também, a turma também faz doce de banana”. (Margarida).

Permanecemos no acampamento durante quatro dias, observando diretamente a dinâmica e procurando compreender a lógica da organização da festa. Dormíamos na barraca da segurança, lugar estratégico para estabelecer contato com as pessoas e para observar as interações e o cotidiano do contexto da festa. Essa barraca, além de instalada em um lugar privilegiado, tinha luz elétrica e um fluxo constante de pessoas. O chão batido era coberto por uma camada fina de capim seco, oferecendo mais conforto para dormir. A escolha desse lugar não foi intencional. Ele nos foi oferecido pelos hansenianos e foi importante para estabelecer uma relação de confiança entre nós e eles.

No dia seguinte, véspera da festa, a cidade se enchia cada vez mais de romeiros, na mesma proporção. Cada vez mais pessoas iam visitar o acampamento da hanseníase para levar doações, fazer pedidos de orações e cantos para o próprio doador. A família ia pagar promessas e dar testemunhos de graças alcançadas. As visitas ao acampamento eram marcadas por momentos dramáticos, de muita emoção, choros e palavras de “eu só tenho a agradecer”.

Resultados: A doação em dinheiro

De todas as histórias que foram relatadas pelos participantes sobre o ato de distribuir, ainda não tínhamos presenciado a entrega de dinheiro nas mãos dos hansenianos. Ao entardecer do dia 14 de agosto, um senhor que aparentava ter não mais do que 50 anos chegou ao acampamento explicando que havia feito uma promessa de entregar em mãos uma quantia de dinheiro em notas de R\$ 5 (cinco reais). Nesse momento, a fila rapidamente se formou no Currálinho para receber a doação.

Interessante de se observar é que a maioria das pessoas que acabavam de ganhar o dinheiro retornava ao fim da fila para novamente receber R\$5 (cinco reais), chegando a repetir o ato até três vezes. Isso não significava constrangimento. Ao contrário, era naturalizado entre eles e os doadores, que parecem não se importar em repetir a doação à mesma pessoa. Para nos certificar, perguntamos a um doador se ele se incomodava com o fato das pessoas entrarem mais de uma vez na fila.

“Não tem problema. A promessa é para distribuir o dinheiro. No meu caso R\$ 500 (quinhentos reais) em nota de dois, as pessoas podem entrar e sair quantas vezes o dinheiro der. Já tem mais de 10 anos que faço isso. Minha promessa já até acabou, mas me sinto bem em fazer isso”. (Doador de dinheiro no acampamento).

O que é determinado é o valor total para a distribuição e não o número de pessoas que vão receber. Ao conversar sobre isso, um participante comentou: “ontem eu peguei R\$18 (dezoito reais). Fizem a promessa de distribuir nota de R\$2 (dois reais), entrei na fila nove vezes” (Rosa). Depois dessa experiência, tivemos a oportunidade de observar outras tantas distribuições desse tipo. Em algumas delas, os hansenianos nos convidavam: “vem também, vocês também estão acampados com a gente”. Nesses momentos, sentimos que fomos “afetados”, fazíamos parte do grupo. Mesmo com o convite explícito, não entramos na fila em nenhum momento. Agradecíamos e seguíamos observando.

No fim da repartição do dinheiro, um doador explicou: “pedi uma graça a Nossa Senhora da Abadia e fui atendido. Prometi que viria aqui e distribuiria dinheiro aos doentes”. (doador de dinheiro no acampamento). Levando em conta a extensão do acampamento dos hansenianos, o estigma da doença, o movimento intenso de veículos e pessoas provocado pelas doações, indagamos aos moradores do bairro sobre a percepção deles referente a ocupação temporária dos acampados. Em resposta: “O acampamento é mais velho que o bairro. Quando viemos morar aqui já sabíamos que em agosto tem esse acampamento e tantos outros pela cidade”.

E no relato de outro morador:

“Poucas pessoas daquelas são realmente doentes. Virou uma tradição aqui. Acredito também que mesmo os que não são doentes estão ali porque precisam. Gostamos de ver e achamos bonito ver os ricos chegando nos seus carros e caminhões para ajudarem os pobres.” (Vizinhos do acampamento).

Além de naturalizado, o acampamento marca as diferenças sociais entre os pobres, os que “precisam” de bens materiais e os que apresentam condições de vida privilegiada, ou os “ricos”, que participam da festa e “precisam ajudar” ao próximo. Isso é facilmente compreendido e explicado pelos moradores da cidade. Entretanto, existem controvérsias, sobretudo por parte dos organismos formais, quando fixa faixas nas ruas com os seguintes dizeres: “Os pedintes e hansenianos não são de Romaria. Eles vêm aproveitando a ocasião da festa. Não dê esmolas na praça: há um lugar próprio para pedintes”.

Na atualidade, não é possível observar essas informações colocadas publicamente desde que o novo reitor, Pe. Márcio Ruback, tomou posse do Santuário de Nossa

Senhora da Abadia. Na opinião do padre, o acampamento de hanseníase é um reforço à discriminação e ao preconceito: “acho um absurdo aquilo ali com o apoio da prefeitura. Hoje hanseníase tem cura. Aquilo lá não é educativo e não reintegra à sociedade. Trata-se de agenciadores profissionais acostumados a pedir esmolas”. (Padre Márcio Ruback).

Dentre as regras construídas coletivamente e reproduzidas no interior do acampamento de hanseníase, é proibido pedir esmolas na cidade. Os doentes devem ficar no local do *camping* à espera de altruístas ou piedosos para dividir os benefícios entre eles. No caso de transgressão, o pedinte é expulso do *camping*. Ele perde o direito de “doente” e, com efeito, dos ganhos secundários garantidos pela identidade que inclui os portadores do bacilo, os sequelados ou os que se auto reconhecem como “doentes” no momento de inscrição e admissão no acampamento.

As regras e normas instituídas no acampamento, assim como a forma de organização, reproduzem as colônias de hanseníase: proibido consumo de álcool, horário de entrada e saída. A desobediência implica em reclusão em uma determinada barraca (cadeia) ou expulsão.

O *camping* é organizado por meio de uma hierarquia, liderança, cargos, divisão de trabalho e sistema de segurança. Para cada função existe um pagamento. Por exemplo, no acampamento da festa existiam 12 guardas, procedentes de diferentes cidades e colônias, que recebiam, além dos donativos distribuídos, o valor de R\$650 (seiscentos e cinquenta reais), parte do volume apurado no fim da festa.

Festejos finais e o desmonte do acampamento

No último dia de festa, dia 15 de agosto, despertamos com o ruído de motores dos ônibus e caminhões chegando à cidade para transportar as pessoas e os mantimentos recebidos durante a festa com grande alvorada de fogos de artifícios. O acampamento ficou cheio, com dezenas de pessoas circulando de um lado ao outro, alguns excitados e outros com aspecto deprimido, talvez pelo encerramento da festa. Era o fim do evento. Os participantes organizavam os seus pertences e os donativos, esvaziando as barracas, enquanto muitos curiosos acompanhavam atentamente o desfecho da festa e o desmonte do acampamento.

Além dessa movimentação, são programadas algumas atividades festivas como, por exemplo, a apresentação da folias de reis¹⁶. Como esperado, um número significativo de pedintes de diferentes regiões e da cidade se aproximam para

conseguir mantimentos, roupas e outras coisas que restam no acampamento. Esse grupo é reconhecido como “xepas”¹⁷.

As sobras são certas, pois a quantidade de alimentos que chega ao acampamento de hanseníase é imensurável, um desperdício. Pode ser facilmente observado nos carros particulares e caminhões contratados para transportar a diversidade e a quantidade de produtos das doações. Esse excesso de mantimentos e outros produtos (roupas e sapatos, mobília velha, espelho e até restos de construção) é tradicional no ambiente de hanseníase, desde os primórdios, particularmente em períodos de festas religiosas.

Nessas ocasiões, era comum chegar veículos carregados de coisas, despejadas de qualquer maneira nas ruas e na praça central dos sanatórios, como se fossem entulhos abandonados numa espécie de lixão sem que houvesse qualquer comprometimento, interesse pelo desejo e/ou pela necessidade do receptor.

Nesse ato de aparente caridade, se evidencia uma culpa social ou uma forma de descarte do que resta de suas casas em um lugar marcado pelo estigma social. No acampamento, na Festa da Abadia, essa prática se reproduz. O que sobra se transforma em lixo ou sujeira acumulada e mal cheirosa no desmonte do fim da festa.

Figura 5 – Desmonte da festa



Fonte: Foto do autor

Ainda no encerramento, do lado de fora do acampamento, é celebrada uma missa na basílica. Mas o evento mais esperado pelos organizadores e participantes como a coroação da festa é a abertura do cofre, que fica exposto durante todo período da festança para as doações em moeda, em espécie ou em cheque. O volume de dinheiro é ignorado por todos, pois o recipiente é fechado com cadeado e controlado por um grupo de “fiscais”. Talvez por essa incógnita, ademais da quantidade recebida, o momento da abertura do baú, que contém uma espécie de tesouro, é a atração dos participantes. É um marcador simbólico da eficácia ou do sucesso do evento.

O ritual de abertura é organizado da seguinte forma. Antes de abrir o cofre, é rezado um terço da misericórdia¹⁸, liderado por um membro da comunidade e acompanhado por um grande número de pessoas. Estávamos ali observando, quando, no meio da reza, chegou um homem emocionado, interrompeu a cerimônia dizendo:

“Gente, primeiro eu queria agradecer vocês (nesse momento começou a chorar muito e continuou com voz engasgada). Ano passado eu tinha perdido meu filho e muito de vocês falaram: pode ficar tranquilo que vai da tudo certo e deu. Maria Luiza está aqui, olhem (mostrando a criança para os presentes nos braços da mãe que também chorava muito). Ano passado ela estava na UTI. Eu vim aqui na Romaria sem ela e vocês falaram que ela iria sair, e saiu do hospital. Essa foi a minha graça e hoje vim agradecer, trazer essas coisas para vocês (cestas básicas). Sei que é pouco, mas a gente faz do pouco muito. Mas todos os anos o que eu conseguir eu trago aqui para vocês para agradecer esse milagre na minha vida. O menino não sobreviveu, mas ela está aqui graças às orações de vocês também. Todos os anos eu saio daqui fortalecido lembrando de vocês. Eu é que tenho que agradecer a vocês e não vocês me agradecer. Cada ano volto mais fortalecido espiritualmente. (Doador do acampamento).

Parece que esse fato é corriqueiro no ritual, pois, após ter ouvido o desabafo, o rezador retoma a sua função, dá o grito de “viva” e convida a todos para a abertura do cofre, momento crucial da festa. As pessoas rapidamente se organizam fazendo uma espécie de círculo. A liderança escolhe determinadas pessoas que estavam entre os espectadores para testemunhar e outras para a tarefa de contar o dinheiro.

Para a nossa surpresa, fomos designados para conferir o dinheiro, depois de contado por outras pessoas, e agrupar o importe total em pacotes de mil reais.

Ser convocado para fazer a conferência do dinheiro significou um voto de confiança, lisura da ação, boa reputação e credibilidade, lugar privilegiado no contexto observado. Sem programação antecipada, participamos do processo, fomos “aceitos”, incluídos no grupo, lugar importante para entender as práticas sociais, as regras e normas, as negociações e jogos e nos possibilitar fazer de fato uma observação participante.

Finalmente o cofre foi aberto em meio aos olhares ansiosos e curiosos da plateia. Primeiro, os homens que estavam guardando as chaves dos cadeados se aproximaram, destrancaram as fechaduras e viraram o cofre sobre uma cobertura de lona preta, espalhando o dinheiro que se amontoava formando uma espécie de monte. No cofre continha, além do dinheiro, cartas que, supostamente, eram de agradecimento pela graça recebida. Elas eram dobradas com uma nota ou cheque com valores variados. Elas eram desenroladas, negligenciadas e descartadas, não eram lidas, e nem tão pouco atraíam a atenção dos espectadores que mantinham os olhos fixos no montante de dinheiro e tentavam adivinhar qual seria a soma total arrecadada.

Durante o nosso trabalho de campo, em conversas informais com os organizadores da festa, fomos informados que o evento pode render uma quantia de dinheiro correspondente a um carro popular novo.

Em negociações anteriores entre os organizadores da festa, os cheques recebidos de doações são trocados no mesmo lugar do evento, em tempo real, por pessoas físicas – moradores ou não da cidade – que cobram uma taxa fixa de 10% do valor total pelo serviço. Dessa forma, as pessoas recebiam dinheiro em espécie. Na dinâmica da tarefa de contagem, o que exige mais tempo e trabalho é a organização das moedas, que são muitas e de valores variados. Nessa festa, em particular, foi faturado o valor total de R\$ 26.248,00 (vinte e seis mil, duzentos e quarenta e oito reais).

Figura 6 – Abertura do cofre



Fonte: Foto do autor

Depois de encerrada a fase da troca de cheques, da contagem e da recontagem do dinheiro, começa o pagamento das despesas do evento que se limita a 12 guardas que cuidam da segurança, dos carreteiros e dos encarregados pelo desmonte das barracas. No fim, sobrou o correspondente a vinte salários mínimos, que foi dividido entre 132 pessoas. Na avaliação dos participantes, essa festa não foi muito bem-sucedida, pois no ano anterior o valor arrecadado foi maior.

Ainda que todo o processo seja transparente e realizado às vistas de todos, não é aprovado por uma parcela do público, especialmente no que concerne à divisão do montante, como comenta um membro da comunidade no final da distribuição:

“Vocês viram como o esquema é pesado? Pagar R\$650 (seiscentos e cinquenta reais) para um guarda é um absurdo. Eles não fazem nada, só carregam as coisas melhores. O esquema é forte. Se a gente falar alguma coisa, somos proibidos de voltar. Isso aqui já deu até morte.” (Morador da ex-colônia Santa Isabel).

Ruídos e comentários surgiram e os grupos saíam decepcionados ou contentes, cabisbaixos ou eufóricos. Não com a festa propriamente dita, mas pelo resultado da soma total de dinheiro. Era o fim da festa.

A cerimônia de encerramento

Em meio ao corre-corre, chegavam algumas pessoas com doações de última hora, que eram aproveitadas ou eram despercebidas pelos participantes. Enquanto arrumavam as coisas para a retirada do *camping*, chegou a autoridade governamental, o prefeito da cidade. A movimentação tomou outro ritmo e as pessoas interromperam as suas tarefas para ouvir as palavras proferidas pelo líder.

O prefeito iniciou o discurso com uma pergunta: “Passaram a festa bem, moçada?” As respostas: “sim graças a Deus”. E continuou: “festa animada que foi, tudo na paz, graças a Deus”. Em seguida, o líder religioso convidou a todos a proferir uma oração. Em seguida, fez um relato lembrando a festa e ressaltou que nesse ano (2017), especificamente, o apoio da prefeitura foi excepcional com a iluminação do *camping* e a disponibilidade dos banheiros públicos. Terminou o discurso com o louvor à autoridade por meio de uma oração cantada e adaptada para a versão “esse prefeito será abençoado, porque o senhor vai derramar o seu amor, o vice-prefeito será abençoado...”

Após a oração, um dos organizadores do acampamento, fez o uso da palavra:

“Doutor, nós queremos agradecer não só por esse ano, mas pelos outros anos que o senhor tem nos aturado aqui nos outros mandatos do senhor. Estamos tentando moralizar mais o pessoal, não deixar atrapalhar o trânsito, porque atrapalhava mesmo. A gente sabe que atrapalhava. A prefeitura fez o pedido para a gente não deixar o pessoal na rua, a gente não deixou. E o senhor pode ficar sossegado, porque a nossa turma não mendiga na rua. Nossa turma aqui é proibido mendigar. A gente só recebe o que vem de doação, de promessa que o pessoal traz até aqui. A gente vai continuar a melhorar todos os anos para procurar não dar trabalho também para a prefeitura. Só temos a agradecer. Nesse momento só temos a agradecer”, (Cravo).

É notório no discurso a retroalimentação do estigma da hanseníase, ressaltando e garantindo o limite dos doentes ao acampamento, a não circulação deles por outros espaços da cidade e a proibição da mendicância. O fato de agradecer ao prefeito por tê-los aturado mais um ano ilustra bem essa condição social desabonadora, comumente observada nos grupos estigmatizados.

O prefeito assume o lugar de fala e visivelmente emocionado comentou:

“Estamos aqui esperando vocês no próximo ano. Vocês engrandecem essa festa. Vocês fazem parte dessa festa. Essa festa sem vocês não é a mesma coisa. O que depender da prefeitura, o que a gente puder fazer para acolher bem e melhorar a estadia de vocês aqui, a gente vai estar lá fazendo. Quero desejar um bom retorno para suas casas e que Deus os acompanhe”. (Prefeito de Romaria).

Os gritos de viva o prefeito, acompanhados de uma calorosa salva de palmas, encerram o momento do evento. O líder agradeceu a todos, enfatizando o bom comportamento dos hansenianos e avaliou positivamente a participação deles.

No arremate da festa

Analisando os documentos disponíveis nas instituições públicas locais, observamos a falta de registros históricos sobre a festa. Encontramos alguns textos e vídeos postados em internet, especialmente nos períodos do evento, e trabalhos científicos produzidos como, por exemplo, a tese de doutorado de Luana Moreira Marques, apresentada na Universidade Federal Uberlândia (2017), em que evidencia algumas informações sobre a festa. De maneira especial, analisa a trajetória dos romeiros e o cotidiano do acampamento, inclusive o da hanseníase.

Em nossa pesquisa, para traçar a memória da tradicional festa, priorizamos a narrativa dos habitantes da cidade e de precedentes de outras, sobretudo os mais idosos, fazendo uma espécie de mapa da memória. Vale ressaltar que são relatos orais subjetivos, baseados em experiências particulares. A título de exemplo, um de nossos entrevistados relatou que em 1957 participou pela primeira vez da festa:

“Com 18 anos, fui diagnosticado com lepra. Minha mãe fez um voto para a Nossa Senhora da Abadia para que a doença fosse curada. Vim pagar a promessa, coloquei todos os doentes na fila e distribuí dinheiro a todos. Na época era bastante dinheiro, a turma ficou feliz. Com o avanço da doença e minhas sequelas nas mãos e nos pés, como estão vendo, não dei mais conta de trabalhar. Então, com 30 anos, comecei a vir na festa como pedinte e continuo até os dias de hoje com meus 78 anos. Gosto daqui. Ano que vem se eu tiver vivo, volto de novo”. (Participante mais antigo do acampamento de hanseníase)

As práticas culturais e eventos locais podem ser transmitidos, rememorados e reproduzidos no interior de uma comunidade e podem perdurar e preservar a memória

por meio das narrativas ou da oralidade registrada pela população local. Porém, se não houver registros formais, com o passar do tempo podem também cair no esquecimento coletivo.

A festa de Romaria tradicionalmente termina de fato com o desmonte das barracas, que pode durar em média dois dias. É feito por pessoas contratadas que recebem por essa tarefa. Os desmontadores organizam as madeiras empilhadas de forma desordenada para serem queimadas em seguida, juntamente com as coisas que foram deixadas ou esquecidas pelos hansenianos, como roupas e restos de mantimentos. A queimada tem por objetivo evitar possíveis contaminações, impurezas e o perigo da hanseníase secularmente conhecidas como marcas da doença. No chão, ficam os vestígios da festa, desenhados sobre as cinzas que pouco a pouco desaparecem totalmente. E a vida da população volta à rotina. Ao fim da incineração, o terreno volta a ser de controle do proprietário, que segundo informações dos moradores da cidade, não é ocupado durante todo o ano. A Festa da Abadia, apesar de despertar interesses variados e motivar um consumo de bens e serviços, é permeada pelo sagrado e pelo profano, pela rotina e o ritual, criando um espaço próprio e garantindo o equilíbrio da vida da comunidade local.

Considerações finais

A Festa da Abadia, para as pessoas que viviam “presas” e discriminadas nas antigas colônias de hanseníase, representou a única possibilidade de escapar, ainda que por um curto período de tempo, do marasmo e da pasmeira que provocava a indolência e o esmorecimento de seus moradores. Ainda que não exista mais a política de manutenção das colônias para os doentes, o acampamento na Festa da Abadia é mantido. O *camping* é simbolicamente mais do que o lazer, os ganhos materiais e econômicos. É o espaço de sociabilidade.

A festividade altera as práticas institucionais e políticas municipais e reforça a legitimidade das autoridades, uma vez que recepcionar os doentes de hanseníase, ainda que sejam instalados distante do local da festa, é um sinal de não preconceito e discriminação. Evidentemente que o acampamento da hanseníase atrai turistas religiosos, comerciantes, feirantes, empreendedores de lazer, promove o consumo de bens e serviços, e a lucratividade para grande parte dos moradores da cidade que alugam suas casas e banhos e vendem produtos locais e alimentação.

No plano político regional e estadual, essas autoridades locais ganham prestígio, uma vez que os acampados possuem relações políticas com deputados e outras lideranças estaduais, que buscam reconhecimento e votos não só dos hansenianos como de outros participantes ou moradores da cidade. O prefeito local utiliza todos os momentos coletivos para proclamar um discurso convincente e apelativo e, assim, garantir o retorno dos visitantes na festa do ano seguinte.

Por fim, para os participantes devotos, a Festa da Abadia é a possibilidade de aproximação com o sagrado por meio da santa, de praticar a sua fé, sua purificação na consagração, vivenciar o altruísmo por meio das doações e uma maneira de dar sentido à vida. Romaria, Água Suja, é o lugar sagrado, do milagre que permite o homem aproximar de Deus e viver a sua devoção.

“Por decisão pessoal, os autores do texto não escrevem segundo o novo acordo ortográfico.”

Notas

¹ Bambuí é um município localizado em Minas Gerais. Em 2010 a população da cidade era de 22.709 habitantes. O município tem uma área total de 1.453,99 km² e fica a 270 km de distância de Belo Horizonte (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2017).

² A política de isolamento foi proposta pelo médico norueguês Gerard Amauer Hansen que identificou, em 1874, o bacilo *mycobacterium leprae* como o causador da hanseníase e o responsável por sua transmissão. Hansen defendeu a segregação como melhor forma de conter o avanço da doença (SAVASSI, 2010).

³ A Colônia Santa Isabel foi inaugurada no dia 23 de dezembro de 1931. A Colônia Santa Fé na cidade de Três Corações foi inaugurada em 12 de maio de 1942. A Colônia São Francisco de Assis, na cidade de Bambuí, foi inaugurada em 28 de março de 1943 e a Colônia Padre Damião na cidade de Ubá em 15 de dezembro de 1945 (LARA, 2008).

⁴ Segundo Lourenço (2010), Água Suja foi emancipada em 1962 e passou a ser chamada Romaria justamente pelas peregrinações religiosas. Os primeiros moradores da região eram garimpeiros, devotos de Nossa Senhora da Abadia, crença adquirida dos seus antecessores de Portugal. A comunidade elegeu a santa como padroeira e em 1870 realizaram a primeira festa da região.

⁵ O principal meio para se chegar à ex-colônia era a linha férrea. Existia uma bifurcação há cerca de 1km do local. O vagão específico para transportar os doentes levava escrito “moléstias contagiosas”, popularmente denominado “vagão contagioso”. Ao chegar na bifurcação era desacoplado ou acoplado na estação “leprosário”.

⁶ A lei 9.010 de 29 de março de 1995 dispõe sobre a terminologia oficial relativa à hanseníase e dá outras providências, uso da terminologia oficial substituindo os termos, como exemplo citamos: Lepra por Hanseníase, Leproso por Doente de Hanseníase, Leprologia por Hansenologia, Leprologista por Hansenologista, Leproma por Hansenoma, Lepra Lepromotosa por Hanseníase Virchowiana, Lepra Tuberculóide por Hanseníase Tuberculóide, Lepra Dimorfa por Hanseníase Dimorfa, Lepra Indeterminada por Hanseníase Indeterminada, Lepromina por Antígeno de Mitsuda e Leprosário/Leprocômio por Hospital de Dermatologia.

A Festa de Água Suja: uma experiência entre o sagrado e o profano

⁷ Os participantes da Festa de Romaria oferecem alimentos, roupas, calçados, dinheiro e outros bens materiais para os participantes do acampamento.

⁸ Chão batido é uma expressão utilizada para lugares que não possuem nenhum tipo de revestimento sobre a terra.

⁹ Os romeiros são pessoas que professam a fé católica e viajam geralmente em romaria (com mais pessoas) para uma determinada cidade, a fim de pagar uma promessa ou prestar devoção a um determinado santo.

¹⁰ Fichados são as pessoas que vão para o acampamento e recebem um pedaço de terra para levantar a barraca naquele período da festa.

¹¹ A Companhia de Saneamento de Minas Gerais - Copasa é a responsável pela prestação do fornecimento de água e recolhimento do esgoto na maior parte do Estado de Minas Gerais.

¹² O banho de caneco é utilizado para explicar a higienização dos corpos em locais onde não se tem água. A água fica no balde e é derramada com caneco sobre o corpo.

¹³ Chamada é o termo utilizado para que as pessoas acampadas se mobilizem e se organizem em fila, para receber as doações.

¹⁴ O leilão é uma venda pública de objetos. O privilegiado é aquele que oferece o maior lance em dinheiro.

¹⁵ Dar alimentos nas mãos dos “hansenianos” significa ser corajoso, não ter medo de encostar naquelas pessoas.

¹⁶ Folia de Reis é uma manifestação católica, cultural e festiva em determinadas datas religiosas e em homenagem a determinados santos.

¹⁷ Após a distribuição dos alimentos dentro das colônias, aqueles alimentos que sobravam eram distribuídos para pessoas externas à colônia.

¹⁸ Terço da Misericórdia é uma devoção católica exercida individualmente ou em coletividade.

Referências

Cunha, A. R. ([1951] 1977). *Senhora da Abadia* - Monografia histórica-descritiva. 2a ed. Oficinas Gráficas do Diário do Minho.

Damatta, R. (1986). *O que faz o brasil, Brasil?* Rocco.

Goffman, E. (2008). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* (4a. ed.). LCT.

Habif, T. (2011). *Dermatologia clínica* (5a. ed.). Elsevier.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2017). <http://cod.ibge.gov.br/BH8>

Lara, M. C. (2008). *Aposentadoria para os ex-portadores de Hanseníase*. Uma publicação do mandato popular da Deputada Federal Maria do Carmo Lara. Betim.

Lei n. 9.010, de 29 de março de 1995. (1995, 29 de março). Dispõe sobre a terminologia oficial relativa à hanseníase e dá outras providências. Presidência da República. [L9010 \(planalto.gov.br\)](http://planalto.gov.br)

- Lei n. 610, de 1949, de 13 de janeiro de 1949. (1995, 13 de janeiro). Dispõe sobre a profilaxia da lepra será executada por meio das seguintes medidas gerais. Presidência da República. [L0610 \(planalto.gov.br\)](http://planalto.gov.br/L0610)
- Lei n. 5.511 de 1968, de 15 de outubro de 1968. (1968, 15 de outubro). Submete a Campanha Nacional Contra a Lepra ao regime previsto na Lei nº 5.026, de 14 de junho de 1966, e dá outras providências. Presidência da República. [L5511 \(planalto.gov.br\)](http://planalto.gov.br/L5511)
- Lei n. 10.216 de 2001, de 06 de abril de 2001. (2001, 6 de abril). Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Presidência da República. [L10216 \(planalto.gov.br\)](http://planalto.gov.br/L10216)
- Lourenço, L. A. B. (2010). *O Triângulo Mineiro, do Império à República: o extremo oeste de Minas Gerais na transição para a ordem capitalista (segunda metade do século XIX)*. EDUFU.
- Marques, L. M. (2017). *A peregrinação ao Sagrado: os caminhos que levam à Romaria/MG*. [Tese de doutorado]. Universidade Federal de Uberlândia.
- Marques, L. M., Silva, V. P., & Santos, J. C. V. (2019). The pilgrim goes to the festival: changes in daily life caused by the Pilgrimage to the Shrine of Our Lady of the Abadia in Romaria, Brazil. In: Ruth Dowson; M. Jabar Yaqub; Razaq Raj. (Orgs.). *Spiritual and Religious Tourism* (1a. ed., pp. 1-196). CABI.
- Mauss, M. ([1925] 2003). Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: *Sociologia e antropologia* (pp. 183-294). Cosac Naif.
- Savassi, L. C. M. (2010). *Hanseníase: políticas públicas e qualidade de vida de pacientes e seus cuidadores*. [Dissertação de Mestrado]. Centro de Pesquisas René Rachou.
- Sertã, A. L., & Almeida, S. (2016). Ensaio sobre a dádiva. In: *Enciclopédia de Antropologia*. Universidade de São Paulo. <http://ea.fflch.usp.br/obra/ensaio-sobre-dadiva>
- Vieira, M. P. (2001). *Nossa Senhora d'Abadia: a história de uma devoção*. Academia Senhora da Abadia.
- Wacquant, L. (2007). *Los condenados de La ciudad Gueto, periferias y Estado*. Siglo Veintiuno Editores.